

No Comitê do PMB, fim do ostracismo

SÃO PAULO — No Comitê Central do PMB, instalado em duas modestas salas do quinto andar de um velho prédio no Centro desta Capital, o clima ainda é de espanto. Ninguém sabe ao certo o que fazer ou o que informar diante da nova situação. Lançado à ribalta da cena política da noite para o dia, os militantes do partido ainda não conseguiram sair do ostracismo em que viveram nos últimos meses. Uma coisa, porém, é certa: nunca os dois telefones do Comitê estiveram tão ocupados.

— Está tudo uma loucura — reconheceu Vilma Corrêa, filha do ex-candidato à Presidência pelo PMB.

Ela sequer sabe o que dizer aos novos militantes, oferecendo-se aos montes. Vilma acha que “o que antes faltava, agora está sobrando”, mas garante que não se refere a dinheiro. Assim como a filha, cabos-e-leitorais de Armando Corrêa-Silvio Santos se apressam em dizer que a renúncia fora decidida em favor dos princípios do partido.

Em troca da legenda e da chapa majoritária, o PMB teria apenas exigido de Silvio Santos um compromisso por escrito, no qual o empresário assume o cumprimento do programa do partido. O que, afinal, também não representa um problema, já que o programa do PMB cabe em uma folha e tem praticamente apenas um ponto: a criação do imposto único, tão alardeada por Armando Corrêa enquanto era candidato e tão difícil de ser concretizada sem apoio do Congresso.